



MINISTERIO D'INSTRUÇÃO PUBLICA NO CAIRO,

QUANDO a expedição de Buonaparte occupou o Egypto, o edificio, cuja frente interior se representa na gravura, serviu de quartel general aos francezes, depois da tomada do Cairo: intitulava-se então o palacio de Elfy-Bey. À direita no jardim, proximo da ultima janella d'esta casa, havia n'essa epocha um comprido eirado, coberto de parreiras, que communicava do alojamento do chefe do estado maior para o quartel general. Foi n'esse terrado, no sitio que acabamos de indicar, que foi assassinado o valente general Kleber, aos 14 de junho de 1800. Este delicto teve a seguinte origem.

Soleymão-el-Kaleby, de idade de vinte e cinco annos, natural de Alepo e filho de um mercador de manteigas, tinha visitado a Meca e Medina, as cidades sanctas para a sua crença; tinha estudado no Cairo na mesquita El-Aghar, e queria ser admittido ao numero dos *doutores da lei*. O seu rancor contra os *infieis* se exaltara recentemente á vista dos fragmentos do exercito do grão-visir Jussuf, desbaratado em Heliopolis, que atravessaram a Palestina na occasião em que Soleymão alli estava. O agá dos janisaros o incitou ainda mais, e persuadiu-o a intentar o *combate sagrado*, que consiste em matar um *infel*. O mancebo fanatico pensou naturalmente no Egypto, então occupado pelos francezes, e no general Buonaparte, « o sultão de fogo » como lhe chamavam os arabes.

Quando o agá o viu bem firme na sua resolução, mandou-lhe dar um dromedario e uma pequena quantia de dinheiro para a viagem. Soleymão partiu para Gaza, onde comprou o seu kandjar ou punhal,

VOL. I. — NOVEMBRO 6, 1847.

atravessou o deserto e chegou ao Cairo. Reflectindo-se na data da sua jornada a que elle devia ignorar o regresso precipitado de Buonaparte para a Europa, está claro que a sua intenção não era matar ao acaso o primeiro *sultão dos infieis* que topasse, e que, se desfechou o golpe sobre Kleber, foi na falta de Buonaparte.

No Cairo, Soleymão encerrou-se por muitos dias na mesquita do Sultão Hassan, e até ahi passou em rezas a noite da vespera do seu attentado. Tinha descoberto o seu designio aos quatro ulemas da mesquita; estes o dissuadiram, mas não avisaram os generaes francezes: tres foram presos, e o quarto fugiu. O processo foi rapidamente concluido; e a 17 de junho os funeraes do desventurado Kleber foram seguidos de quatro supplicios.

Os restos mortaes do general, conduzidos a Marseilha depois da evacuação do Egypto, conservavam-se no castello de l'If, quando em 1818 Luiz XVIII os mandou transportar e encerrar n'um monumento erigido em memoria de Kleber na sua cidade natal, Strashurgo.

Depois das importantes reformas do actual pachá do Egypto, o palacio de Elfy-bey foi destinado ás repartições do ministerio da instrucção publica.

MARIA DE MEDICIS E SEUS VALIDOS.

MARIA de Medicis, que foi successivamente rainha e regente de França, era filha de Francisco II de Medicis, grão-duque da Toscana, e de Joanna, archiduchessa d'Austria, rainha de Hungria e de Bohemia.

Logo que Henrique IV obteve do papa dissolver o matrimonio com Margarida de Valois, mandou por seus embaixadores pedir a mão de Maria de Medicis. Esta união foi felizmente concluída e pomposamente celebrada. Fernando, irmão e successor de Francisco II, recebeu a procuração do rei pelo duque de Belle-Garde, estribeiro-mór da casa de França, e celebrou os esponsaes com sua sobrinha em nome de Henrique IV, aos 5 de outubro de 1600. A cerimonia foi presidida pelo cardeal Aldrobrandini, sobrinho do papa Clemente VIII. A narração das festas que se lhe seguiram justifica a magnificancia attribuída aos duques de Toscana: só a representação de uma comedia custou mais de sessenta mil escudos.

Quando a rainha chegou a Lyão, o rei que estava occupado na sua lide com o duque de Saboya, veio encontra-la a esta cidade; e no mesmo dia da chegada se concluiu o casamento. A cidade festejou-a com o fausto de uma recepção magnifica.

É notorio que a 15 de maio de 1610 o punhal de Ravailiac fez viuva Maria de Medicis. Na vespera d'esse dia fatal Henrique IV, antes de a deixar para a consummação de um grande projecto, tinha-a declarado regente de França e como tal a fizera coroar solemnemente.

Foi confirmada a regencia de Maria de Medicis durante a menoridade de Luiz XIII, seu filho; e foi então que começaram as desgraças pelo valimento e privança de Concino Concini, e de Eleonor Galigai, sua mulher. Es'as duas pessoas são os exemplos mais assombrosos do capricho da sorte e da ingratição das côrtes.

Concini, oriundo da classe infima da sociedade, natural do condado de Penna em Toscana, tinha acompanhado Maria de Medicis á França na condição de laçao. Leonor Dori, appellidada Galigai, sua mulher, não se lhe avantajava pelo que respeita ao nascimento e bens da fortuna. Filha de um pobre marceneiro de Florença occupava mui humilde emprego na casa domestica da rainha: porém o que sobretudo se conta como extraordinario é ser ella mulher mui feia e maltractada no quinhão dos dotes naturaes. Pois apesar de todas estas desvantagens, Leonor era a poderosa valida de Maria de Medicis, e elevou seu marido á jerarchia de marquez d'Ancre, governador de Amiens e da Normandia, marechal de França, e quasi primeiro ministro. De facto, Concini governou, sob o nome da regente, nos primeiros annos de Luiz XIII. — « Como adquiristes tanto imperio sobre vossa ama? (perguntavam um dia á marechala d'Ancre) Que philtro, que sortilegio empregastes? » — « Nenhum (respondeu ella) mais que o ascendente das almas fortes sobre as almas fracas » — A phrase era profundamente exacta. Leonor possuia em grau sublime a firmeza de vontade e a energia d'espírito. Maria de Medicis não tinha senão paixões e teimas. Esta ultima qualidade mostrou-a defendendo os seus dois validos até á ultima extremidade. D'ahi provieram as maliciosas prevenções das memorias contemporaneas que attribuiram ao marechal d'Ancre um titulo mais intimo que o de amigo. Á parte esta asserção, que nunca foi provada, o caso é que Concini se apossou do governo de fórma que constrangeu os ministros a receberem d'elle instrucções. Sully foi o unico que lhe resistiu, resgatando as finanças da inspecção d'elle: todavia, Concini, ou para melhor dizer sua mulher dilapidou o thesouro do estado pelas proprias mãos da regente. Leonor vendeu as graças e os privilegios, traficou com a sua influencia por todos os modos imaginaveis, e accumulou uma riqueza immensa; além dos rendimentos dos empregos que lhe

foram dados e a seu marido, que montavam a um milhão de libras francezas, cada um d'elles tinha igual quantia nos seus cofres, muitos milhões na Italia, e dois milhões em moveis e joias, sem contar o que tinham extorquido ao povo.

Um privado de Luiz XIII descreveu os validos de sua mãe, Maria de Medicis: foi Alberto Luynes, homem *filho das herbas* como seu rival; habil como elles em captar a confiança de seus amos. Luynes alcançou a do joven monarcha nos divertimentos do exercicio da caça, e de administrador da falcoaria de sua magestade passou a seu ministro intimo e instrumento perfido. Ameaçado quanto ao seu poderio sem limites, Concini atreveu-se ao delirio que mais tarde se attribuiu a Fouquet; fortificou as suas praças e castellos, subornou as tropas, e organisou uma guarda tão numerosa e mais respeitavel que a de Luiz XIII. Foi então que o rei o abandonou a Luynes, e este a Vitry, capitão das guardas reaes.

N'uma segunda feira, 24 de abril de 1617, indo o marechal d'Ancre a entrar no Louvre para o conselho, Vitry se lhe aproxima e pede-lhe a espada. Concini fez um movimento, ou para resistir ou para entregar-se; no mesmo instante recebeu tres tiros de pistola na cabeça e peito; e cae redondamente morto sem proferir palavra. Viu-se então o que é a lealdade dos cortezaos! Luiz XIII appareceu na varanda do palacio para approvar com a sua presença o assassino do marechal; todos os amigos d'este se afastaram do cadaver, e foram tomar logar á roda de Alberto de Luynes, novo sol que despontava!... Qual d'elles a quem mais praguejaria Concini, e mais depressa correria a prender-lhe a mulher, e a deter a regente no seu aposento.

O povo, prompto sempre a insultar os seus proprios idolos, excedeu em vilezas os cortezaos. Tinham primeiro deitado o corpo do marechal d'Ancre nas latrinas; depois foi enterrado, de noite e secretamente, em St. Germain-l'Auxerrois. Um de seus amigos da vespera descobriu-lhe a sepultura e denunciou-a á gentilha amotinada. Então todos esses homens que havia pouco beijavam os pés do valido, caem de chofre como vampiros sobre a sua jazida, arrancam d'alli o ensanguentado cadaver, arrastam-no pelas ruas e praças publicas; aqui o enforcam, mais adiante o esquartejam, e por fim o dilaceram completamente. Os horriveis pedaços foram postos em leilão, e tiveram muitos compradores; e o mesquinho Luiz XIII vendo todas estas infamias persuadiu-se que fizera bem mandando matar um homem tão detestado de toda a gente.

A queda e o desterro de Maria de Medicis seguiram-se immediatamente á morte de Concini. Ao saber tal noticia, o assombro da regente só podia equiparar-se á sua dôr. Chorou muito e amargamente, pondo a si a culpa de se deixar ludibriar por dois rapazes, Luiz XIII e Alberto Luynes. Depois, lisongeando-se de ainda dominar o primeiro, resolveu appellar para o amor filial: mas era appellar para o nada, porque semelhante amor não existia no coração de Luiz XIII. Ordenando o desterro de sua mãe, recusou-lhe o adeus da despedida! Só a muito custo obteve saudalo em meio dos inimigos que a expulsavam. No acto da partida, o rei foi á camara da regente: tudo o que deviam dizer de parte a parte estava antecipadamente regulado, até as mais insignificantes palavras e os minimos gestos. Maria de Medicis, depois de balbuciar por entre soluços algumas queixas, quiz pedir por Leonor, presa depois da morte de seu marido; o rei olhou para ella de um modo irresoluto, e retirou-se sem lhe dar resposta. A rai-

nhá deu um passo para reter Luynes que saía com seu amo; mas o rei chamou tres vezes e tão imperiosamente o seu valido, que este voltou as costas á rainha, a qual, suffocada pela colera e choro, entrou precipitadamente para o coche, e cobrindo a cabeça com o manto partiu para o exilio que devia abreviar-lhe a velhice. . . Luiz acompanhou-a com os olhos, possuído da alegria de estudante que se vê livre do pedagogo, e apoiando-se no braço de Luynes passou o dia todo em divertimentos !

D'ahi a poucos dias a marechala d'Ancre foi condemnada á morte, degollada e queimada na praça de Gréve. Diremos pelo alto que os bens que lhe foram confiscados passaram para o duque de Luynes ! . . . e entre a rica mobilia a famosa commoda, que no precedente numero apresentámos desenhada.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico.)

(Continuação do Cap. V.)

SEM lhe responder, D. Martim puxou de lado Telo Ervigiz, e fallou-lhe quasi ao ouvido por algum tempo. Insensivelmente foi levantando a voz, de fórma que perguntas e respostas ouviam-n'as D. Nuno e Fr. Munio no logar aonde estavam.

— « Na ermida ? » interrogava Telo.

— « Sim. Alli : » respondia o cavalleiro, apontando um espaço entre os tres tumulos.

— « E a tumba ? »

— « Ao pé. »

— « O cepo ? »

— « Do outro lado. »

— « E na casa de cima ? »

— « Nada. É para ella. »

— « O signal ? »

— « Tres repiques de sineta. »

— « Deus me perdoe ! . . . Depois ? »

— « Na barbacan os cavallos enfreados; e de pé no estribo os homens d'armas. »

— « Ficae descansado. »

E Telo Ervigiz saíu com os olhos arrazados d'agua, a fronte curva, e os braços encruzados no peito. D. Martim seguiu-o com a vista até elle transpor a porta; e, encostando-se á espada, ficou silencioso e pensativo alguns momentos.

— « Até este homem tão leal ! . . . Que me importam os remorsos de um villão ? Não me queima a vergonha nas faces, e o odio no coração ? . . . E depois ? . . . »

Como algumas vezes acontece aos que scismam, esqueceu-se de si e do que o rodeava, pronunciando em voz alta as ultimas palavras. Levando, por acaso, então, a vista, achou, cravados em si, os olhos escrutadores do monge de Cister.

— « É verdade, Martim Paes, atalhou Fr. Munio em tom brando; a vingança, ao provar, é doce de mel; mas depois. . . é fel. »

— « Não ha fel quando nos fica um inimigo de menos: acudiu D. Nuno, que se approximara.

— « Enganaes-vos, D. Nuno, ficam os remorsos de mais. »

— « Visões ! respondeu o cavalleiro, encolhendo os hombros. Ainda não morreu peccador que vós, os monges, não absolvesseis por bons testamentos. Na pia dos mosteiros lavam-se as mãos do sangue. »

— « Deus não tome contas a quem vae abrir lei-lão á porta do seu templo. Os homens perdoam, mas Elle condemna. »

Martim Paes tinha-os escutado silencioso, traçan-

do com a ponteira da espada figuras na terra move-díça. Breve, ouvindo o monge, ergueu a cabeça, perguntando com ar d'escarneo :

— « Quando fallaes verdade vós outros, padres ? »

— « Quando prégamos a lei de Deus. »

O cavalleiro de Lanhoso emmudeceu, e D. Nuno, encaminhando-se para a porta, rosnavava :

— « Estes monges, brancos ou negros, ninguem os entende ! »

Pegando então no braço de Fr. Munio, Martim Paes exclamou :

— « Esta affronta é tamanha, padre. . . Quem me fará justiça ? »

— « Já t'a negaram, mancebo ? redarguiu o monge. Elrei e a sua curia não sabem. . . queixa-te ! »

— « Contem isso a outros, atalhou, rindo com desprezo, o cavalleiro; e, batendo o pé com furia, acrescentou: — Não querem, reverendo nono. Depois de feito dizem: não ha remedio, ou se eu soubera ! . . . O rei ? ! . . . tomara elle mais tempo para lançar os falcões e correr os javalis. . . em quanto os seus validos entram pelos solares a deshonnar donzellas nobres como filhas de mesteiracs. . . Justiça d'elrei ? ! . . . Quando a houve n'esta terra, padre ? ! »

— « Quando tu e os teus iguaes a não tomavam por suas mãos » respondeu seccamente o frade.

— « Não temos outra. . . »

— « Mentira » murmurou Fr. Munio.

— « Elles não sabem ? proseguiu Martim Paes, como se o não ouvisse. Ensine-os a cabeça dos traidores, levantada no alto das torres. Se não vêem, abram-se-lhe os olhos. Ah ! fazem-se deslembados ? Nós os acordaremos. »

— « Bem se conhece que morreu elrei D. Sancho ! replicou o monge amargamente. O leão velho na covaja já não mette medo. Guarda-te das garras do novo, D. Martim. »

— « D. Affonso II, o Leproso ! . . . oh ! esse não ha de morrer de lança nem de frecha ! » exclamou o cavalleiro, rindo.

— « Mancebo, cholera de rei é a cholera de leão. »

— « Fallas do seu valido padre ? . . . Pois não ! Gomes Lourenço, o collaço, o amigo de D. Affonso, ninguem seja ousado a molesta-lo. . . ainda que nos roube irmãs e filhas. Aonde aprendeste a paciencia, sancto monge ? »

— « Na desgraça ! »

Era tão verdadeiro e sincero o tom em que foi dada a resposta, que o senhor de Lanhoso, estacando no passeio precipitado, com os punhos ainda fechados de raiva, fitou o frade com admiração.

— « Martim Paes, filho, disse este meio severo, já alguém te amou — ia dizer tanto — mais do que eu ? »

— « Não. Mas a honra está acima de tudo ! . . . »

O monge sorriu, sacudindo a cabeça com ar incredulo.

— « A honra ! . . . Ah ! Martim Paes, mancebo ! não se enganam assim os velhos ! Para que mentes a Deus e a mim ? »

— « Olha o que dizes, padre. Fallas de mentira a um cavalleiro ! »

— « Fallo. Se o cavalleiro mente, que remedio se não dizer-lh'o ! acudiu o frade sem se alterar. Depois, tocando nas barbas brancas, e fitando-o com tão agudo olhar que elle o não podia soffrer, ajuntou em voz severa :

— « Ha quantos annos choro eu n'este valle de lagrimas, mancebo ? Julgas tu, e os que nasceram hontem, que as amarguras da vida não dão experiencia ? . . . — E mudando para um tom aspera: — É a honra de D. Maria que accende a tua sede de sat-

gue? Responde; atreve-te a dizer que sim! Por que não accitas então o nome de Gomes Lourenço para ella? . . .

— « Por que é um covarde. . . »

— « Tu, ou elle? exclamou o monge com indignação. Vi-te de joelhos, pedir-lhe a vida por mercê, e o de Salzedas perdoar-t'a . . . diante de mim, Martim Paes, chamar-lhe fraco?! »

— « Padre! » bradou o cavalleiro irado.

— « O covarde, o traidor, onde estará? » continuou o monge friamente.

— « Padre! » rugiu D. Martim, dando um salto para elle com a mão no cabo do punhal.

— « Está em ti, proseguiu no mesmo tom o frade. Eu te digo por que. Tu, o valido de D. Sancho, aborreces o homem que vai succeder-te na privança do rei novo. Os infantes descontentes saem do reino. As infantas, a quem negam as heranças, defendem-n'as em seus castellos. Os cavalleiros moços correm a florear as lanças debaixo do pendão das damas. O senhor de Lanhoso, atirando-lhe a cabeça de um dos Viegas, do collaço de D. Affonso o Leproso, não se vinga a si, não os vinga a elles? póde ser bem acceito? erreí n'isto, D. Martim? »

O cavalleiro de Lanhoso, quasi succumbido por se ver descoberto, pasmou a vista no rosto do monge, e pallido como um defunto, nem teve animo de o desdizer.

— « A ambição sempre foi irmã do crime, disse Fr. Munio. Não te fies n'ella, Martim Paes. É uma Judith. Olha que namorado nenhum deitou a cabeça no seu regaço, que lh'a não cortasse ao primeiro somno. »

D. Nuno, que já tinha voltado, ouvindo isto, trocou uma vista rapida e desalentada com o senhor de Lanhoso; e essa vista, que não escapou ao frade, queria dizer: « estamos perdidos. » Depois todos tres, calados e contrafeitos, mediram-se por algum tempo. O monge adivinhára o negro abysmo d'infamia em que sobravam aquelles dois homens. Colhidos de sobresalto, ambos, sem se arrependerem, estavam como assassinos na presença do cadaver, que tremem de ver levantar uma accusação pelos labios de cada ferida. De repente Fr. Munio, travando da mão a Martim Paes, levou-o com impeto ao pé do tumulo de Moço Ansures, e mostrando-lh'o com o dedo, bradou:

— « Sabes a historia d'este homem, Martim Paes? »

O cavalleiro, acenando com a cabeça, respondeu que não.

— « Sabes em que dia estamos? »

— « Sei. »

— « Faz hoje mais de um seculo que este sepulchro foi o leito nupcial de dois amantes, e que lá em cima, na sala d'armas, se travou um combate tão medonho, que Deus affastou os olhos da terra, e o mesmo inferno teve horror. Martim Paes, o cadaver das victimas descança entre aquellas flôres, mas o de Inigo Lopes (1), o amaldiçoado, não pode ter repouso. »

— « Padre, o braço que feriu o coração e derramou o sangue do inimigo foi um braço nobre. Inigo Lopes—exclamou estendendo a mão com força—nas azas da tormenta, ou nas voragens da terra, ouve o juramento que faço, de accender as tochas do enterro no dia da tua vingança. »

— « Não blasphemés, atalhou o frade com impe-

rio. Insensato, não acordes os mortos que repousam. »

— « Aquelle soube ser homem. Lavrou em tres sepulturas a historia do seu odio. »

— « Não chames por Inigo Lopes, disse o monge com algum tremor na voz. Gomes Lourenço é sangue d'elle. O alcacer em que estamos era de parentes teus. O conde Ordonho, tronco da tua casa, foi o pai d'Auzenda, a noiva do S. João. . . Desafiaste o inferno; guarde-te Deus que elle te levante a luva. »

— « Vivo ou morto venha quando quizer. Anno e dia prometto esperar o repto. »

— « Jesus! » bradou o frade, branco como o pilar de pedra a que se encostava.

Ou fosse acaso, ou fosse mysterio, o guante ferra-do d'uma armadura preta desprendeuse e veio bater nas lageas, aos pés de D. Martim. O cavalleiro estremeceu, mudando de côr; mas ergueu a manopla. No canhão, em letras douradas quasi comidas do tempo, leu o terrivel nome de Inigo Lopes.

Um instante o mirou calado, tremendo-lhe os dedos convulsos. Na fronte pallida o suor frio borbulhou ás gottas. Entretanto, vencendo as commoções interiores, com apparencia tranquilla virou-se para o frade, dizendo:

— « Pelo que vejo, os mortos acordam aqui. . . é um duelo com Satanaz! . . . »

— « Martim Paes, gritou uma voz que parecia sair do fundo do sepulchro de Moço Ansures: acceito o repto! De hoje a sete dias, á hora da meia noite, responderás perante Deus. Prepara-te! »

D. Nuno, dobrando-se-lhe os joelhos de terror caiu de bruços; e D. Martim acontecia-lhe o mesmo, se não se encostasse á campa do conde Ordonho. Fr. Munio, tremulo e perturbado, exclamou, estendendo para elle o braço:

— « Estás satisfeito? O inferno emprazou-te para o dia de juizo. »

Uma risada convulsa e estridente resou nas abobadas, e repetida nos echos foi morrer lá em cima na sala d'armas.

O monge não disse nada, mas, arrojando-se ao chão, começou a orar com fervor. Os dois cavalleiros tinham um nó na garganta, que os não deixava fallar.

Sem dizer palavra, todos tres se encaminharam para a escada, que se torcia até a sala d'armas. Os pés tremulos escorregavam nos degraus; e era tão profundo o silencio, que se podia quasi ouvir a pancada do coração, pulando atropellado contra o peito.

Quando chegaram á sala d'armas, assentaram-se, e muito tempo estiveram sem fallar. Por fim, virando-se para o monge, Martim Paes disse:

« Ha de ser terrivel a historia de Inigo Lopes! »

« É. E o povo ainda a conta com mais terrores. Nunca a ouviste? »

« Nunca. »

« Eu vo-la digo, como a ouvi da ama que me criou. Depois soube que nem tudo acontecera como a sancta velha acreditava. »

« Principiae, Fr. Munio. »

E debruçando-se para elle, os dois cavalleiros fitaram-n'o com curiosidade de quem deseja saber, em quanto o frade se recolhia e procurava ordenar na memoria as quasi obliteradas tradições. Decorridos alguns instantes, Fr. Munio começou assim (1).

PRESBYTERIO DE BOLLEVILLE.

O VIAJANTE que desenhou esta vista do presbyterio e igreja rural explica-se d'este modo.—« Atravessan-

(1) A historia de Inigo Lopes, com o maravilhoso da mythologia popular publicou-se no *Panorama* n.º 2 e 3 da nova empresa. N'este genero, percorrendo as lendas patrias, e as que narram Matheus Paris e outros, compunha-se um livro tão novo, como agradável e variado.

(1) Esta lenda é a que já foi publicada em os numeros 2 e 3 do *Panorama* de 1846.

do recentemente a aldeia de Bolleville não pude subtrahir-me a certa commoção, reflectindo que n'este humilde e sosegado retiro se tem concebido e consummado tão excellentes trabalhos, e considerando tambem nas lições de modestia, que emanam da vida do illustre erudito, Richard Simon, cuja presença faz celebre aquella pequena povoação. Não só pelos retratos, que mostram as feições do rosto se dão a conhecer os homens notaveis, mas tambem pela fiel pintura dos sitios que preferem e habitam; o que nos adquire o conhecimento familiar do seu modo de existir. »



Este desenho elegante não só agradou muito em França, pela idéa associada que expomos, mas tambem e pela mesma razão em Allemanha onde Ricardo Simon é muito conhecido, e o seu nome reputado nas universidades e principaes escholas como uma das glorias francezas. — A sua mansão valida, Bolleville, é uma terra pequena no departamento do Sena inferior.

OS COLOCHOS.

(Continuado de pag. 288.)

QUANDO pare alguma mulher colocha fica de cama por um mez; expirado este praso, lava o menino, lava o seu proprio corpo e a sua roupa, e ataviada com o melhor que tem convida todos os parentes para uma festa esplendida. Durante a refeição põe a mãe o nome ao menino, e costuma ser o de algum parente já fallecido. As mãis amamentam os filhos até andarem; o vestuario d'estes é feito de pelles macias de quadrupedes ou de aves. Depois de desmamados e antes de lhes nascerem os dentes, sustentam-n'os as mãis com peixe secco que mastigam primeiro. Assim que o menino principia a fallar, dão-lhe todas as manhãs um banho no mar ou no rio, quer faça bom quer mau tempo. Para que os gritos

das creanças não movam os pais a ter compaixão d'ellas, é encarregado de pôr em pratica este uso espartano algum primo ou tio, que faz calar o padecente com uma chibata. O respeito dos filhos a seus pais é para os colochos um dever sagrado, assim como os carinhosos desvelos com que costumam tractar os velhos e os enfermos. Nota-se uma particularidade n'este povo, que é herdarem sempre os parentes do lado materno com preferencia aos do lado paterno.

O colochos que quizer casar ha de ter a robustez necessaria para poder com os trabalhos mais rudes, e ser destro no manejo das armas, principalmente da espingarda. Munido de uma prova de idoneidade que os pais lhe entregam, dirige-se á aldeia onde mora a noiva e a manda pedir por um amigo. Se a rapariga e o pai dão o seu consentimento, vai o mancebo em pessoa ter com a noiva, troca-a pelos presentes que trouxe consigo, e recebe em retorno do pai da rapariga outros presentes de maior valia do que os que lhe fez. Estas dadivas consistem em pelles de animaes, mercadorias da Europa, armas, &c.; as pessoas ricas junctam a isto alguns escravos. Falha muitas vezes o negocio por não querer ou não poder o mancebo cumprir as condições que lhe impõe a rapariga: houve uma que exigiu de Nanch Ret, o ancião, o repudio da sua primeira mulher; o pagão negou-se a isto, e desfez-se o projectado casamento. Os matrimonios fazem-se sem sacerdote, nem sacrificios, nem ceremonias religiosas de qualidade alguma. Os colochos da classe mais elevada casam com muitas mulheres, para enriquecerem com os presentes que ellas lhes trazem, e augmentarem o seu poder e influencia por meio de uma parentella numerosa. Os caudilhos das tribus casam os seus filhos quando ainda são meninos. As mulheres do mesmo homem teem commummente muitos ciumes umas das outras, e as frequentes rixas que provém d'estes zelos costumam acabar em mortes. O marido que apanha em sua casa um extranho mata-o, e mata tambem a mulher, sem receio do resentimento dos parentes, a quem faz alguns presentes de valor a titulo de desculpa ou conciliação; mas se o homem que o offendeu é seu sobrinho, não tem o marido o direito de o matar e só pôde obriga-lo a tomar conta da mulher. Acontece a miude que homens brandos e indulgentes não fazem muito caso das suas esposas de mais idade, e em tal caso concedem-lhes que tomem para o seu serviço um rapaz que é obrigado a fazer o trabalho da casa. Os colochos jámais casam com as suas parentas, escolhem sempre as suas mulheres nas outras tribus. Todavia, esta regra tem uma excepção; porque quando morre um colochos o seu sobrinho tem obrigação de casar com a mulher do tio, seja qual for a differença das idades.

As mulheres não são isentas do trabalho; pelo contrario tem obrigação de ir buscar lenha e agua, e de salgarem o peixe, de fazerem cestos, vestidos de lã, &c., em quanto que seus maridos se conservam em ocio. Os homens não se mexem em quanto lhes duram em casa os mantimentos; se acaso se enfastiam de aturaras mulheres vão estirar-se na areia das praias, e até sobre as aguas geladas do mar. Teem um amor desordenado a um jogo nacional que se joga com umas varinhas, no qual muitas vezes perdem quanto possuem entrando até as suas mulheres.

O peixe é o principal mantimento dos habitantes. Os arenques vem em grandes cardumes desovar no mez de março no estreito, ao pé da fortaleza de Sitcha. N'esse tempo os colochos cortam arvores, carregam-nas de pedras, e mettem-nas debaixo do mar ao pé da costa. Tiram d'agua a desova que se apegou aos ramos, seccam-na ao sol e comem-na mais tarde.

Pesca-se no mez de junho uma especie de salmão (*salmo gibbosus*) que é secco ao fumeiro depois de se lhe tirarem as espinhas. Os rodoválhos apanham-se tanto no verão como no inverno, e comem-se frescos; e dos ovos desolho misturados com os dos arenques tambem fazem os colochos certa comida. Na primavera tiram de diversas arvores um liquido que depois de fermentar embebida. Os phocas e as baleias que o mar de vez em quando arroja á costa são para elles uma gulodice; porém preferem a tudo o azeite d'estes peixes, que bebem com o maior gosto nos seus banquetes. São amigos das carnes de alce e carneiro, mas desprezam a de urso. Comem com boa vontade todos os passaros indistinctamente, excepto o corvo que para elles é sagrado.

Os colochos não devoram a carne dos seus prisioneiros; contam que existe por de traz das montanhas septentrionaes uma nação differente da sua na lingua e maneira de viver, e que foi em tempo de granãe penuria, obrigada a comer carne humana. Estes homens, chamados Connaquos, vem ás vezes á aldeia de Tchilchatou trazer aos colochos pelles de martas-zibilinas e de rapozas, e pedaços de cobre bruto, em troco de armas e polvora.

(*Extrah. da Revista do Norte:*)

DOS TRABALHOS GEOLOGICOS.

O MELHOR modo de comprehender bem a serie natural das idéas relativas á geologia consiste em acompanhar com o pensamento os viajantes geologos nas regiões não submettidas á observação e nas quaes, por consequente, tudo está por fazer. Achar-se-ha que são obrigados a tractar de innumeraveis objectos, que se encadeiam intimamente, taes como o calculo das latitudes e longitudes, a medição das alturas, a determinação dos elementos do clima, a topographia do solo, das suas fórmãs picturesque, das suas produções &c. Em nenhuma parte, porém, este encadeamento se observa mais claramente e de um modo mais interessante do que na America. Os geologos são os verdadeiros arroteadores por conta da civilisação, que se vai propagando tão rapidamente por aquelles rios e secundos desertes. Por isso se começou a trabalhar alli geologicamente nas proporções mais vastas com uma extraordinaria actividade. Os governos que comprehendem perfeitamente, quanto á riqueza publica, a utilidade de obrar em toda a parte conforme o conhecimento exacto da natureza dos territorios, animam com superior intelligencia todos os trabalhos d'este genero; e por isso os Estados do norte da America estão munidos de cartas geologicas, mui bem desempenhadas, pelas quaes se regulam.

O problema proposto aos geologos americanos consiste em organizar um quadro completo do paiz. Não teem, como os seus collegas da Europa, o auxilio de cartas topographicas já publicadas. Devem levantar ou pelo menos completar o mappa geographico e physico, medir as alturas, calcular as correntes d'aguas, determinar a composição do terreno. São ao mesmo tempo encarregados de explorações relativas ás questões de utilidade publica, que nascem da natureza do solo, relativamente á agricultura, ás vias de comunicação, á abertura das pedreiras e das minas; não hão de simplesmente contentar-se com o ter indicado a existencia d'estas, é mister que designem ao mesmo tempo os melhores meios de se proceder á sua exploração. Da mesma maneira pelo que respeita á agricultura; tem de examinar a flora e a fauna proprias de cada districto, para d'ahi deduzir todos os esclarecimentos possiveis sobre as condições da economia ru-

ral, que é chamada a substituir o seu imperio ao da natureza livre. « O trabalho, a que as cartas geologicas dão causa (diz M. Elias de Beaumont, de quem tirámos estas informações) é uma investigação encyclopedica de cada estado. São funcções importantissimas as d'estes naturalistas pensionados pelos governos, (geologist to the state) como lhes chamam nos Estados-Unidos. Verdadeiros batedores da sciencia e da industria, teem uma commissão muito mais ampla para desempenhar do que a dos engenheiros de minas em França, até mesmo dos que são incumbidos das operações das cartas geologicas, e da inspecção da mineração e officinas dependentes. »

Certamente, (diz um escriptor francez) que seria para desejar que a França tomasse a este respeito algumas lições dos americanos, por muito extraordinario que fosse ver uma nação de administração vigorosa, procurar modelo n'outra onde a administração em geral é mais frouxa. Mas é innegavel que resultariam grandes vantagens de possuir em cada departamento um systema de noções scientificas, bem ordenadas em relação a todas as condições naturaes do territorio, não sómente pelo que toca á exploração subterranea, mas sobretudo no concernente á exploração agricola, mais essencial ainda. Mui importantes esclarecimentos se obteriam para a economia rural do paiz, estando em bons mapps representadas as varias zonas do solo vegetal, segundo as suas diversas qualidades constitutivas, da mesma maneira que as cartas geologicas propriamente ditas marcam os differentes maciços do que podemos chamar o madeiramento mineral dos terrenos.

MIGUEL PALEOLOGO.

1259.

VESTIDO de habito religioso, deitado em cinza e com as mãos postas sobre o peito, o imperador Theodoro Lascaris estava a expirar.

Reconciliado com Deus, preparado para este momento solemne; e enojado mais que tudo das grandezas humanas, estendêra alegre os braços á morte, se não fosse o pensamento de seu filho João, pobre creaturinha de nove annos apenas, cuja cabeça ia talvez esmagar cobrindo-a com o pesado diadema de Nicêa.

O imperador chorava.

Porque era mister mão fiel para suster o diadema por cima da cabeça de João, e o desgraçado pai não via em torno de si senão inimigos.

Jorge Acropolita não podia ter esquecido que, por ordem do imperador fôra flagellado como um escravo.

Musalon fôra expulso do conselho aos pontapés.

Miguel Paleologo... Oh! se elle podesse deslembrar-se de uma noite funesta... talvez se deslembre, porque só esta vez foi o imperador cruel para com elle: Miguel será generoso. Ide chamar Miguel Paleologo, dai-vos pressa.

Saiu um dos guardas, e voltou logo precedendo Miguel Paleologo.

Sobreviera a noite, uma só alampadu allumiava a tenda do imperador, e embalada de continuo pelo vento derramava uma luz tremula. Duas mulheres e um padre, ajoelhados ao pé do leito, velavam ao lado do enfermo. Assim que Theodoro viu apparecer o agigantado Miguel, fez-lhe signal para se retirarem, e estes dois homens ficaram mudos defronte um do outro.

O imperador foi quem quebrou o silencio.

— « Miguel, lhe perguntou elle, tu odeias-me? »

— « Sim. »

— « E, todavia, mando-te chamar a ti para juncto

d'este leito da morte, porque quero que me faças um beneficio immenso. »

— « É porque não achas outrem que to faça. »

— « Miguel, eu sempre te amei, tu bem o sabes. »

Um sorriso amargo e ironico enrugou os labios do Paleologo.

— « Oh! Miguel, não sejas severo juiz do meu proceder para contigo! Se reinares algum dia (Deus e os sanctos te guardem de semelhante desgraça) saberás quanta desculpa mereço por te haver feito encarcerar; porque me diziam: elle cubiça-te a corôa, conspira contra ti, é moço, eloquente, amado dos soldados. . . Mas deixa-me acabar que os instantes são para mim preciosos. »

Escuta: estou a morrer e deixo um filho, uma pobre creança sem soccorro nem amparo. Nomeio-te seu tutor conjunctamente com Musalon. Aceitas este titulo?

— « Aceito. »

— « E juras-me no meu leito de morte, e diante de Deus que nos ouve, que meu filho ha de achar em ti um pai terno, extremoso? . . . »

— « Escuta:

« À manhã, quando fôres a enterrar farei matar Musalon e todos os seus, para eu ficar sendo o unico tutor de teu filho.

« D'aqui a oito dias farei lançar teu filho n'um carcere á beira-mar.

« D'aqui a um anno mandar-lhe-hei tirar os olhos com um ferro em braza. »

O imperador, concentrando as poucas forças que lhe restavam, arrastou-se para fóra do leito até os pés do Paleologo.

— « Perdão, lhe bradou elle! perdão para a pobre creança! Vingate em mim, atravessa-me com a tua espada, mas tem dó d'elle! »

— « Passar-te com a minha espada! morres dentro d'uma hora. »

— « Oh! piedade, peço-te pela tua alma! »

— « Theodoro Lascaris, Deus é justo. Na masmorra em que teu filho ha de ser sepultado, sepultaste-me tu tres annos. O ferro em braza que lhe ha de tirar os olhos empregaste-o tu para assanhar os gates bravos, que devoravam minha irmã encerrada, por tua ordem, n'um sacco cheio d'elles.

— « Mas é um menino innocente! »

— « Era uma mulher innocente. »

— « Qual foi o crime que elle commetteu? »

— « Qual era o crime de minha irmã? Não querer dar sua filha para mulher de Musalon teu valido. Rasgaste um coração de mãe, será rasgado o teu coração de pai! Mataste uma mulher, morrerá uma creança; é a pena de talião: é justiça. »

— « Ah! ainda sou imperador! exclamou Lascaris. Guardas! »

Miguel, pondo o pé na garganta de Theodoro abafou-lhe as vozes;

— « Silencio, cadaver! não sabes que um imperador moribundo já não reina? Mas porque te não hei de deixar gritar, accrescentou tirando o pé: ninguem virá, ninguem acudirá aos seus gritos, e se alguém viesse, a um signal da minha mão, escarrava-lhe na cara. »

Depois sentou-se á beira do leito do imperador.

Passou uma hora sem se ouvir senão o estertor do moribundo.

De repente, cessou o estertor, e um movimento convulsivo agitou o habito de frade em que Theodoro se amortalhára.

Miguel inclinou-se sobre o cadaver, e lhe tirou do peito o edicto do imperador, que nomeava tuto-

res de seu filho a Miguel Paleologo e a Musalon

— « Soldados, bradou elle, o imperador é fallecido, e deveis obedecer-me, porque sou regente do imperio de Nicéa. Aqui está a derradeira vontade do imperador. »

— « Viva Miguel Paleologo! bradaram milhares de vozes.

No dia seguinte foi morto Musalon no enterro do imperador.

E passado um anno, n'uma fortaleza á beira-mar, tiravam os olhos a um pobre menino, que nem sequer luctava com os seus verdugos.

(Traduzido de M. Berthoud.)

DAS SEMENTEIRAS RALAS OU BASTAS.

POUCAS questões são na agricultura mais interessantes do que a da quantidade de sementes que convém empregar para se obterem, em igualdade de circumstancias, as mais vantajosas colheitas. Ha ainda muitas experiencias para fazer a este respeito; e ainda não temos uma taboa exacta das quantidades de cada especie de sementes as mais appropriadas ás diferentes naturezas do solo.

Um agronomo inglez avalia em tres milhões de quarters (24 milhões de alqueires approximadamente) a quantia dos cereaes que se empregam de mais do que é necessario nas sementeiras da Grã-Bretanha. Segundo o preço medio dos cereaes n'aquelle paiz póde-se calcular em 54 milhões de cruzados a economia que se poderia fazer na produção dos mesmos cereaes, se se limitassem a empregar nas sementeiras a quantidade estrictamente necessaria, e d'aqui se póde inferir que o objecto val bem a pena de ser estudado.

As sementes ralas augmentam a altura dos cereaes, são favoraveis ao desenvolvimento da haste, da espiga e do grão; prolongam a duração da vegetação, e retardam por conseguinte a epocha da madureza.

As sementes bastas produzem o effeito contrario; diminuem todas as dimensões das plantas que se tornam individualmente menos productivas, abreviam a duração da vegetação, e apressam por conseguinte a epocha da madureza. Assim quando semeamos ralo, ceifamos tarde; e quando semeamos basto, ceifamos cedo.

Dada a igualdade do estrume, e da fertilidade do solo, uma pequena quantidade de semente produz, dentro de um periodo maior, uma colheita igual á que póde dar uma quantidade mais avultada de semente em um periodo menor.

O segundo amanho (*binage*) dos cereaes é causa de se retardar a madureza do grão, mas dispõe as plantas para deitar rebentos.

As sementeiras em linha apressam a madureza dos cereaes, mas diminuem a sua disposição para deitar rebentos.

Além d'estes principios, as circumstancias locais, isto é, a natureza e a exposição do terreno influem poderosamente nos resultados de uma sementeira rala, basta, ou mediana: a temperatura, e sobre tudo o grau de humidade do clima devem determinar o cultivador no que diz respeito a esta parte de seus trabalhos. Em geral, as quantidades de sementes reconhecidas como mais adaptadas aos climas simultaneamente brandos e humidos e ás terras onde a vegetação é muito vigorosa, devem ser consideradas como insufficientes para as terras menos ferteis e para os paizes mais elevados ou mais septentrionaes, que tem invernos mais longos, e estios mui curtos.

Se o terreno não tem as condições necessarias de cultura e de fertilidade, não produzirá abundante-

mente, quer lhe prodigalisem quer economisem as sementes. Mas se o terreno fór bom, poderemos esperar uma boa colheita de uma pequena quantidade de grãos semeados o mais cedo possível, isto é, no outono, depois de amiudadas cavas profundas, muito principalmente se a sementeira fór feita em linhas assaz espaçadas para que a grade de destorroar possa trabalhar pelos intervallos.

O cultivador de um grande predio deve ter o cuidado de não semear todos os seus campos nem muito basto nem muito ralo, preferindo variar a densidade das sementeiras tanto quanto a natureza dos terrenos lh'o permittirem. Com este processo, evitará o inconveniente, muitas vezes gravissimo, de lhe amadurecerem ao mesmo tempo todas as searas faltando-lhe braços para a ceifa em tempo opportuno.

Quando uma sementeira de trigo succede a um destorroamento ou vem apoz uma cultura de raizes, como cinouras, betarrabas &c, que tenha revolvido o interior do terreno, podemos ter a certeza de que a colheita se fará pelo menos oito ou dez dias mais tarde do que nas outras culturas. Se n'estas circumstancias semearmos ralo, as plantas já dispostas pelo estudo da terra, para prolongarem a sua vegetação, achar-se-hão ainda mais demoradas, e corremos o risco de ceifar muito tarde, o que acontece frequentemente aos cultivadores que não attendem a esta particularidade. Se pelo contrario semearmos tão basto e tão cedo quanto o comportarem a natureza do solo, e o estado da temperatura, apressaremos o momento da madureza do grão de maneira que ficará compensado o effeito do destorroamento do terreno, e conseguiremos assim fazer chegar a ceifa á epocha opportuna.

Os axiomas que acabamos de expor são conhecidos de muitos cultivadores praticos: temos visto muitos velhos aldeões a quem a sua longa experiencia pratica dá a justa consideração de oráculos entre os seus visinhos, quando consultados sobre este ponto delicado, decidirem onde e quando convem semear ralo ou basto, mas sem darem as razões d'isto, se bem que a observação seja indubitavelmente a base de suas decisões. Em quanto o uso dos *sementeiros* (1) se não tornar mais geral, um bom semeador será sempre um homem raro e precioso, disposto a prevalecer-se de uma aptidão a que os praticos só com muita difficuldade conseguem chegar. Com os *sementeiros* e com a applicação judiciousa dos principios, o resultado das sementeiras não dependerá já da destreza de um bom semeador, e todos podem esperar uma excellente vegetação quando empreguem bons instrumentos, e não anteponham a rotina aos principios bebidos no estudo do progresso da vegetação.

ALGUNS ALIENADOS.

ENTRE OS LOUCOS que estavam reclusos em Bicêtre em 1836, distinguia-se um pelas suas manias.

Tinha sido habil musico da orchestra da *Opera* e compositor de merecimento, e empregava o seu tempo na educação de um pardo armado de todas as peças como um cavalleiro, e na de um idiota de deztoito annos, a quem ensinára, com indizível paciencia, a cantar um hymno em louvor de Jesus. Este infeliz alienado, fallador e vaidoso, e inimigo, como é de crer, da prisão a que vivia condemnado, mostrou ser *escravo da honra*, conforme elle dizia emphaticamente, voltando para o captiveiro d'onde o deixaram sair uma vez sob sua palavra para tractar de certo negocio. Comprazia-se em contar aneddotas

(1) Machina inventada para semear melhor e com menor desperdicio o trigo.

da sua vida artistica, sendo uma das mais interessantes a cura do pai do actor Gavaudan, que perdera o juizo por ter tomado um remedio violento.—«Estava doudo varrido, dizia elle, nu, furioso, não consentia ninguem ao pé de si; quebrava todos os moveis a que podia chegar.»—«Este homem tem cura, disse eu aos seus parentes, e se estiverem pelo que eu digo, em pregarei um remedio infallivel.»—Deram-me credito. Junctei logo doze ou quinze musicos; escondemo-nos debaixo das janellas de Gavaudan, e dou o signal. Eis que começa uma symphonia melancholica e suave. Gavaudan levanta-se, escuta attento, lança os olhos á roda de si; conhece que está demente; debulha-se em lagrimas; chama a familia; acodem todos, lança-se nos braços de seu filho... Chama-me seu salvador... Tinha-o curado.

Este caso é verdadeiro, um louco foi curado por um homem que havia de enlouquecer.

Outras vezes Schn... (era o seu nome) contava as maiores extravagancias, como por exemplo que encantára um elephante, tocando-lhe trompa, a ponto de o animal pegar n'elle com a proboscide e leva-lo em triumpho; e que ensinára musica a um burro que ja cantava maravilhosamente.

A loucura parece que nunca se declara instantaneamente, e se acaso se manifesta de repente n'alguns individuos, interrogadas as suas familias, descobre-se que elles ja teem dado indicios de demencia.

Mr. Cuvier alcançou para um moço de muito merecimento e instrucção, e que vivia em pobreza, o logar de mestre de dois principes allemães com seis mil libras de ordenado; e deu-lhe a noticia d'esta fortuna sem o dispor para recebe-la. O mancebo deu signaes do mais despropositado jubilo, e perdeu logo o juizo. Soube-se pela gente da casa em que morava que era sujeito a ataques de misantropia que duravam semanas inteiras; outras circumstancias comprovaram alguma falta de siso.

Um d'esses histriões rafados que vão de tempos a tempos cardar as provincias, um tal Lagardière parodiava grotescamente Talma no theatro de Cambrai; e de certo fazia dó ver a sua cabelleira russa, e os seus joelhos cambaios; e ainda mais dó fazia ouvir-lhe a declamação empolada, e a voz enrouquecida pelas continuas libações de agua ardente. Um homem, que estava muito quieto a ver esta borracheira, salta de repente para o palco, vai-se direito ao histrião e prega-lhe o mais bem puxado murro que elle nunca levára na sua vida. É facil de imaginar o reboliço que faria este assalto; tanto mais que o homem, sem cessar de servir de pancadaria o farrupilha, o alagava n'uma torrente de nomes injuriosos, repetindo muitas vezes o de *ladrao*.

Separaram-n'os, fazem-lhes perguntas, mas o aggressor não se cança de gritar: «Roubou-me!»

—«É o que vos roubou? pergunta alguém»

—«Roubou-me um gesto!.. este gesto, disse o doudo, coçando o nariz.»

Lagardière usava muito d'este gesto tragico.

Levaram d'alli á força o homem queixoso de o terem roubado, o qual desde este momento deu as provas mais decisivas de demencia. Tiraram-se informações, e Deus sabe o que este acontecimento deu que fallar na pequena cidade de Cambrai, e descubriu-se não ser este o primeiro acto de demencia praticado por J... Tet, o qual, depois de melhorar veio morar para Paris, e publicava theorias solares com esta epigraphe:

Não ha senão um Deus.

Não ha senão uma theoria solar.

Não ha senão um J... Tet, capaz de a explicar.